

Alckmin anuncia Barbosa e Mantega na equipe de transição

João Valadares, Matheus Schuch, Caetano Tonet, Renan Truffi e Vanderson Lima
De Brasília

Numa sinalização de amplitude do novo governo, o vice-presidente eleito Geraldo Alckmin (PSB) anunciou na tarde de ontem os economistas André Lara Resende, Pêrsio Arida, Nelson Barbosa e Guilherme Mello como integrantes da área econômica na equipe de transição.

Alckmin informou que o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega, que comandou a pasta durante oito anos, ao longo dos governos Lula e Dilma, vai integrar a equipe de transição. Alckmin não mencionou, no entanto, em que área seria a atuação de Mantega, que se notabilizou por uma política pouco rigorosa em termos fiscais, especialmente entre 2011 e 2014. "Guido Mantega deve participar. Nós teremos outros grupos técnicos e ele participará. É muito importante a sua experiência e participação".

Alckmin fez questão de ressaltar que participar dos trabalhos para troca de comando do país não significa necessariamente assumir cargos na Esplanada no próximo ano. Barbosa foi o último ministro da Fazenda no governo Dilma Rousseff. Arida foi presidente do Banco Central e Lara Resende comandou o BNDES no governo Fernando Henrique.

No campo da assistência social, além da senadora Simone Tebet (MDB-MS), que ganhou destaque no segundo turno da eleição com o apoio a Lula, após terminar a primeira etapa na terceira posição, integra o time a ex-ministra Tereza Campelo, que chefiou o Ministério do Desenvolvimento Social no governo Dilma Rousseff.

O novo governo também comunicou os nomes do núcleo político da transição, formado por representantes de 12 partidos, incluindo PSD e PDT. As duas siglas não apoiaram a candidatura do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no primeiro turno. O MDB, embora Alckmin não tenha anunciado, também deve ser oficializado como parte do Conselho Político.

No campo econômico, Arida e Lara Resende, ligados ao PSDB e ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, são considerados pais do Plano Real.

Nos últimos anos, Lara Resende tem criticado medidas de ajuste mais rigorosas das contas públicas, como o teto de gastos. Já Guilherme Mello, economista da Unicamp que teve destaque para assuntos econômicos durante a campanha deste ano, é ligado ao PT.

"Os economistas do grupo de transição não têm visões opostas e, sim, complementares", afirmou Alckmin durante coletiva de imprensa na tarde de ontem no Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB), em Brasília. "É uma fase transitória, para você discutir, elaborar propostas e definir questões", complementou.

Durante o anúncio de parte da equipe de transição, Alckmin destacou que o mais urgente no momento é abrir espaço no Orçamento 2023 para garantir o Bolsa Família



Alckmin vice-presidente eleito ressaltou que participar da equipe não significa assumir cargos no futuro governo

Governo eleito

Conheça os nomes da transição anunciados até agora

Grupo técnico economia

- André Lara Resende
- Guilherme Mello
- Nelson Barbosa
- Pêrsio Arida

Conselho político

- Antonio Brito (PSD)
- Carlos Siqueira (PSB)
- Daniel Tourinho (AGIR)
- Felipe Espírito Santo (PROS)
- Gleise Hoffmann (PT)
- Guilherme Italo (AVANTE)

Grupo técnico assistência social

- Simone Tebet (MDB)
- Marcia Lopes (PT)
- Tereza Campelo
- André Quintão (PT)

Conselho político

- Jefferson Corriteac (Solidariedade)
- José Luiz Penna (PV)
- Juliano Medeiros (PSol)
- Luciana Santos (PcdoB)
- Wesley Diógenes (REDE)
- Wolney Queiroz (PDT)

de R\$600 reais e adicional de R\$150 para famílias com crianças com menos de seis anos. Ele não informou qual mecanismo seria usado para que as promessas de campanha, incluindo reajuste do salário mínimo acima da inflação, sejam cumpridas.

Alckmin ponderou que os grupos técnicos não têm número limitado de integrantes. "Pode ter muito mais pessoas, mas começamos o grupo técnico na área de economia com André Lara Resende, Guilherme Mello, Nelson Barbosa e Pêrsio Arida. Quatro grandes economistas, com larga experiência", declarou.

O Conselho político anunciado ontem é composto por Antonio Brito (PSD), Carlos Siqueira (PSB), Daniel Tourinho (AGIR), Felipe Espírito Santo (PROS), Gleise Hoffmann (PT), Guilherme Italo (AVANTE), Jefferson Corriteac (Solidariedade), José Luiz Penna (PV), Juliano Medeiros (PSol), Luciana Santos (PcdoB), Wesley Diógenes (REDE) e Wolney Queiroz (PDT). O MDB não definiu o nome.

As bancadas do PSD na Câmara dos Deputados e no Senado Federal iniciaram ontem as discus-

sões sobre uma eventual adesão à base aliada do governo eleito. No Senado, após reunião à tarde, a maioria indicou ser favorável à aliança com Lula. O partido tem 11 senadores, sendo maioria pró-Lula, e 42 deputados.

"Eu estou trabalhando para isso [entrada do PSD na base do governo Lula]. Se [o partido] vai entrar mesmo ou não, eu não sei", disse ao Valor o senador Otto Alencar (PSD-BA). Ele citou que, dos 11 senadores do PSD, seis apoiaram o Lula já no primeiro turno. E mencionou explicitamente o interesse do partido em conseguir o apoio do futuro governo federal para a recondução do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG). No primeiro turno, Pacheco permaneceu neutro, mas o PSD mineiro apoiou o petista, com a candidatura derrotada ao governo do Estado de Alexandre Kalil, ex-prefeito de Belo Horizonte.

"Tem também o Rodrigo Pacheco [presidente do Senado], que tem posição de estadista. Já conversei com o Kassab [presidente do PSD] e ele está bem disposto a trabalhar pela governa-

bilidade. Precisa ter governabilidade, apoio, base", defendeu.

O presidente nacional do MDB, o deputado Baleia Rossi (SP), se reuniu na manhã de ontem com o presidente do PT, a deputada Gleisi Hoffmann, e afirmou que o partido ainda decidirá se integrará o novo governo. Ele disse que sente "um espírito colaborativo muito grande" entre os políticos da sigla para ajudar o presidente eleito. Embora tenha lançado Tebet, diversos integrantes da sigla apoiaram Lula ainda no primeiro turno.

Baleia reforçou que tratou com Gleisi sobre algumas pautas importantes para o seu partido, como a aprovação da reforma tributária, com unificação dos impostos sobre bens e consumo.

Antes de responder questionamentos da imprensa, Alckmin assinou portaria instituindo o Gabinete de Transição e também pediu para que o Tribunal de Contas da União (TCU) possa repassar informações que vão ajudar na transição do governo.

O vice-presidente eleito confirmou os nomes do ex-ministros Aloizio Mercadante, como coordenador técnico, da presidente nacional do PT, Gleisi Hoffmann, que vai comandar a articulação política, e do deputado Floriano Pesaro, que será o coordenador-executivo da equipe de transição.

Alckmin deixou claro que os integrantes da equipe de transição não têm necessariamente relação direta com ministérios. "Podem participar, podem não participar, mas são questões bastante distintas. É um trabalho buscando informação, continuidade e não interrupção de serviços públicos e transparência", afirmou. (colaboraram Raphael Di Cunto e Marcelo Ribeiro)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 8